

PROTEÇÃO, DESAMPARO, NÃO-PROTEÇÃO E NÃO-DESAMPARO? – UMA ANÁLISE SEMIÓTICA BÍBLICA

Prof. Msc. Flavia Melville Paiva¹ (UFMS)

Resumo:

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise semiótica da construção do sentido do texto bíblico "Salmos 23" com a isotopia da "Proteção" quando o crente está na presença/conjunção de sua divindade apontando os princípios da teoria semiótica discursiva proposta pelo semiotista Algirdas Julien Greimas, apresentando os três níveis de análise: Fundamental, Narrativo e Discursivo. Conforme Malanga (2008), sobre o texto bíblico.

Palavras-chave: Lingüística, Semiótica, Semiótica Greimasiana, Semiótica bíblica.

1 Introdução

A *Bíblia*, coletânea de textos religiosos escritos por diferentes autores em diferentes épocas da história da humanidade, apesar de tão antiga e por vezes polêmica por tratar temas e doutrinas religiosas, tem sido amplamente estudada por teorias que propõem um tratamento sistemático, científico, ou seja, sem objetivo religioso nem doutrinário.

Conforme Malanga (2008), sobre o texto bíblico, “Para grande parte dos povos do Ocidente, ele representa uma obra sagrada, ligada às suas religiões. Para outros, trata-se apenas de uma obra antiga, ligada às raízes da nossa cultura”, e que existem várias formas de ver e estudar a *Bíblia*, “como literatura, como registro histórico e social de uma época, sob o ponto de vista da ética e tantos outros aspectos.”

Nesta perspectiva, propomos uma análise científica semiótica do texto bíblico pela apresentação de como o tema “Proteção quando na presença divina” foi construído no Salmo 23 (Almeida, 1995) ou também denominado Salmo 22 (Soares, 1980), doravante chamado de SD (Salmo de Davi).

Estudando o percurso gerativo que é construído sobre abstrações que o leitor sobre o SD, mas que apresenta as marcas sintáticas e semânticas em três níveis de profundidade, sendo possível a análise dos semi-símbolos usados sem a visão dogmática da religião e sim sob o ponto de vista científico.

Os três níveis de profundidade sugeridos por Algirdas Julien Greimas (Fundamental, Discursivo e Narrativo) serão analisados em relação ao SD.

2. TEXTO-BASE: Salmo de Davi

“O SENHOR é o meu pastor, nada me faltará.
Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas.
Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome.
Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum,
porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.
Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha
cabeça com óleo, o meu cálice transborda.
Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha
vida; e habitarei na casa do SENHOR por longos dias.”

3. ANÁLISE SEMIÓTICA DISCURSIVA

3.1 Nível Fundamental

Analisando o SD à luz do Nível Fundamental da Teoria Greimasiana, encontramos as categorias semânticas que dão base ao texto, dentro da proposta religiosa cristã, quando na presença ou ausência de Deus, /proteção/ versus /desamparo/.

Esta oposição é o que faz com que cada categoria ocorra, existindo um traço comum que une /proteção/ a /desamparo/, que estabelece a diferença entre as categorias, contrariedade, contraditoriedade.

Salientamos que o texto em análise apresenta que a categoria /proteção/ não tem sua negação no /desamparo/ e sim na /não-proteção/. Esta contrariedade pode ser melhor entendida quando percebemos o caminho que o homem segue quando descobre a /proteção/ divina, pois ele estava antes em um estado de /desamparo/ por não ter consciência da presença divina em sua vida ou com a companhia não-divina (vida mundana) que o levava ao /não-desamparo/, mas ainda longe de ser a /proteção/.

Uma vez encontrando esta consciência, ou seja, da existência de proteção divina, abre-se para ele a possibilidade de ir em busca da /proteção/ ou passar a viver sob /não-proteção/, já que consciente da possibilidade da salvação divina.

Courtés (1979, p. 70) sugeriu em seu estudo a realização do “quadrado semiótico”, que com sua representação precisa desta relação isotópica da Proteção presente nos textos bíblicos escolhidos e assim os níveis profundo e de natureza lógico-semântica abaixo esquematizados:

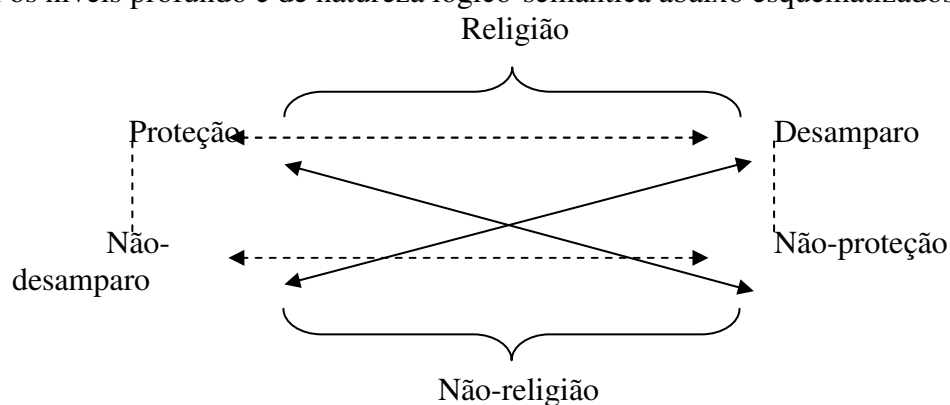


Figura 1: Quadrado Semiótico

A qualificação semântica /euforia/ versus /disforia/ é presente nas categorias semânticas encontradas.

Analisando a /disforia/, com seu valor negativo, sempre pressuposto (pois o que interessa ao salmista é deixar claro que não tem dúvida da possibilidade de vida conjunta a deus) assim, disforia nas passagens que remetem a problemas que o homem terá que enfrentar, e de /euforia/, com seu valor positivo, quando percebe o sucesso presente e possível, conforme o quadro abaixo:

euforia	disforia
<p>“Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranqüilas”</p> <p>“Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome.</p> <p>(...) a tua vara e o teu cajado me consolam</p> <p>(...) Preparas uma mesa perante mim</p> <p>(...) unges a minha cabeça”</p> <p>E resume, apresentando a benção em sua vida presente:</p> <p>“bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida”</p>	<p>“Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte (...) mal (...) presença dos meus inimigos (...) temeria”</p>

E a promessa de vida eterna: “habitarei na casa do SENHOR por longos dias.”	
-----------------------------------------------------------------------------	--

A negação e a asserção existentes na sintaxe do nível fundamental ocorrem no SD, sugerindo a construção do sentido pela:

a) afirmação pressuposta de desamparo, quando afirma que “nada me faltará”, é porque já está consciente de que está sozinho, mas consciente da existência divina.

b) negação de desamparo, afirmação de proteção após o tomar consciência da possibilidade da proteção, nega o desamparo e busca outro caminho – ao afirmar publicamente que “o Senhor é meu pastor”.

Além desta oposição entre asserção e negação, podemos agrupar em três blocos os elementos fundamentais do SD:

a) afirmação de desamparo: “nada me faltará”;

b) negação de desamparo: “O Senhor é meu pastor”;

c) afirmação de proteção: “Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas, refrigera ... guia-me... justiça... não temeria mal algum, porque tu estás comigo... consolam... prepara uma mesa perante mim... unges... meu cálice transborda... a bondade e a misericórdia me seguirão... habitarei ... por longos dias”.

3.2 Nível Narrativo:

Fiorin (2006, p. 27 e 28) sugere que façamos inicialmente uma distinção entre narratividade e narração, antes de iniciarmos a análise do nível narrativo, em que “narração” constitui “a classe de discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens individualizadas”, existente em uma determinada classe de textos. Já a “narratividade” é um componente de todos os textos, “é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes” que “ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final. E é entendida como uma transformação de conteúdo, é um componente da teoria do discurso, ponto a ser estudado na análise narrativa do texto proposto.

Os textos “não são narrativas mínimas, ao contrário, são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) estão organizados hierarquicamente” (FIORIN, 2006, p. 29). Dentro desta análise do discurso, os enunciados elementares que encontramos são:

a) enunciados de estado, que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto, encontrados no SD, pela privação da proteção divina e pela disjunção com o deus protetor,

b) enunciados de fazer, que mostram as transformações de um enunciado de estado a outro, quando o salmista busca pela conjunção com Deus e encontra o refrigério na vida presente e consequente salvação eterna.

A sequência canônica da manipulação, a competência, a performance e a sanção, que estrutura uma narrativa complexa estão presentes em:

a) Manipulação (a fase em que o sujeito age sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa) encontrada no SD e, talvez de todos os textos bíblicos, percebemos que a recompensa futura da vida eterna manipula o fiel a procurar seguir as diretrizes religiosas, sendo preparado no presente para ser capaz de receber bênçãos e até mesmo para suportar as atribulações e perseguições.

Existem vários tipos de manipulação (tentação, intimidação, sedução e provocação), encontramos a tentação no SD que propõe ao crente uma recompensa – um objeto de valor positivo com a finalidade de levá-lo a fazer alguma coisa, mesmo que sempre com a promessa de desamparo pressuposto e a de proteção enquanto certeza.

b) Competência: fase em que o sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa é dotado de um saber e/ou poder fazer (Fiorin, 2006, p. 30). Greimas (1979, p. 23) afirma que “o

sujeito só pode realizar uma performance se possuir, previamente, a competência necessária: a pressuposição lógica constitui assim, antes de qualquer outra consideração, a base da componente do percurso narrativo que precede a performance.” A competência, contrariamente à performance, é /o que faz ser/, que dá ordem para o /ser/ e não do /fazer/, e para tanto, o sujeito competente precisa estar na posse de um programa narrativo (S \cap PN), deve possuir “um conjunto de modalidades de querer e/ou dever e de poder e/ou saber fazer” (Greimas, 1979, p. 23) (S \cap Ov (v/d + p/s).

Vemos isto quando o salmista afirma que é capaz de caminhar com o seu senhor, que tem interesse em ser guiado, refrigerado, alimentado e de viver em companhia divina.

c) Performance: fase em que ocorre a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa. Passando de um estado de disjunção com a proteção para um estado de conjunção com ela.

No SD há o momento da transformação, dividido em várias etapas:

1. o homem se percebe a possibilidade de procurar a proteção;
2. percebe então sua situação de desamparo;
3. agora crente, passa então pela disjunção com o desamparo (este estado de consciência o faz entender que está agora em conjunção com a não-proteção);
4. é impelido a buscar a disjunção com a não-proteção (talvez ao mesmo tempo em que ocorre a primeira) e sim a conjunção com a proteção. A performance existe como um /fazer-ser/.

d) Sanção: Fase em que há a constatação de que a performance se realizou, com o conseqüente reconhecimento do sujeito que operou a transformação. A distribuição de prêmios e castigos comum a esta fase, é encontrada no SD quando o salmista resume seu prêmio recebido por receber a companhia da “bondade e a misericórdia” todos os dias da vida e após a vida, receber o prêmio de habitar “na casa do Senhor por longos dias”.

E o desmascarar de falsos heróis e coroação dos verdadeiros existe no SD quando, mesmo na presença de inimigos, o salmista é tratado pelo seu protetor com deferência “preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos” e esta mesa, que o alimenta e sustenta é com tanta abundância que “meu cálice transborda”.

É importante salientar que estas quatro fases não ocorrem simultaneamente, vão construindo o sentido do texto, apreensível pelo leitor às vezes inconscientemente.

A não-necessidade da seqüência canônica é percebida no SD que apresenta as quatro fases em construção concomitante e também sugerindo um ir e vir de /disforia/ e /euforia/, de /disjunção com o desamparo/ e /conjunção com a não-proteção/ e /conjunção com a proteção/.

Os objetos modais: O /querer/, o /dever/, o /saber/ e o /poder fazer/ neste Salmo ocorrem na seguinte ordem: saber, querer, poder fazer nas atitudes e sanções positivas do presente, e o dever de continuar para alcançar o prêmio da vida eterna.

Os objetos de valor, com que se entra em conjunção ou disjunção, como a conjunção com o objeto de valor a proteção é caracterizado como a abundância (“nada me faltará) a paz (“verdes pastos”, “águas tranquilas”, “veredas da justiça”), a coragem (“não temeria”) ou seja, a concretização do poder ser protegido.

3.3 Nível Discursivo:

No Nível Discursivo as formas abstratas do nível narrativo “são *revestidas* de termos que lhe dão concretude” (Fiorin, 2006, p.41).

Esta concretude é predominante no SD quando o salmista cita uma série de imagens reais (verdes campos), mas que na verdade são símbolos de outros momentos psicológicos, problemas (exemplo o vale da morte) que o ser humano pode vivenciar, mas que encontra apoio, proteção, força e coragem quando em conjunção com a figura divina (verdes campos).

A estrutura narrativa básica do SD, seguindo a proposta já apresentada, aponta que o salmista, afirma que, mesmo por tribulações, é protegido pela entidade divina. A cada imagem negativa, encontra uma positiva proposta por seu deus e a mudança de estado de desamparado, não-

protegido e finalmente protegido é verificada.

A semântica discursiva

É pela análise semântica discursiva que verificamos como ocorre a concretização do nível narrativo, ou seja, o que, em nível narrativo apareceu em abstração, é concretizado em nosso estudo como a disjunção/conjunção com a proteção.

No SD, por desconhecer a possibilidade de proteção, e posteriormente chegar à consciência do saber que ela existe, torna possível desenvolver o terceiro modalizante que é o querer estar em conjunção com a proteção divina. Este é tratado no texto não somente através dos modais, mas de tempos verbais, escolha e alternância de sujeito, escolha e busca pelo objeto.

A isotopia: “O conceito de isotopia é extremamente importante para a análise do discurso, pois permite determinar o(s) plano(s) de leitura dos textos, controlar a interpretação dos textos pluri-significativos e definir mecanismos de construção de certos tipos de discurso” (Fiorin, 2006, p. 117) e é a partir desta conceituação que defendemos que o tempo presente, as ações atuais praticadas pelo fiel, não geram apenas bônus futuros, mas bênçãos no presente. A proteção real e atual que traz esperança, confiança e coragem para suportar provações.

A Semiótica nos ajuda a entender como o texto bíblico está aberto a várias interpretações, pois ele apresenta indícios de polissemia, baseados no uso freqüente de metáforas e não de discurso simples e direto.

Podemos buscar tantos temas que sugeririam construções narrativas com base na distinção entre Bom e Mal Pastor, Amor e Não-amor, Proteção e Agressão, Cuidado e Descaso, Paz e Sofrimento, Felicidade e Não felicidade, Ansiedade e Confiança, dentre outros.

No texto, a proteção pode ser encontrada em: fim da privação, o protetor que não permite a privação: “nada me faltará” já que meu protetor “é o Senhor”. E como o pastor que cuida de suas ovelhas não deixando que enveredem por maus caminhos e sim por “verdes pastos” que saciem sua sede em “águas tranquilas”, alimente em “preparas uma mesa perante mim”, que já não citando imagens concretas, guia pelas “veredas da justiça” ampara no “vale da morte”, “unges a minha cabeça”.

A proteção que gera coragem em: “Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo”.

A proteção que gera confiança em: “a tua vara e o teu cajado me consolam”.

As figuras pastor, pasto, águas, nos levam a lugares metaforicamente utilizados para representar o deus, o protetor, a vida eterna, a pureza. Já as figuras vale da sombra e inimigos, representam também em metáfora o anti-deus, a morte sem salvação.

Todas as figuras apresentadas pelo SD sugerem que a proteção divina existe e segue um percurso temático em que temas psicológicos, sentimentos como ansiedade, solidão, desamparo que ocorrem quando o sujeito não tem fé nem esperança e a não proteção, não benção, não companhia quando tem a sabedoria do caminho ao lado do divino e a confiança, esperança, coragem, força quando em companhia de seu deus, mostrando claramente que o salmista, já em estado de consciência do poder divino, reduz sua ansiedade e sentimentos negativos afins para reafirmar sua coragem, esperança e confiança pois está em companhia e proteção.

A sintaxe discursiva

Como a sintaxe do discurso estuda as marcas da enunciação no enunciado, verificamos os três procedimentos de discursivização: a actorialização, a espacialização e a temporalização.

a) A actorialização: Em relação às imagens de autor e leitor, respectivamente enunciador e enunciatário, construídas pelo texto, percebemos que o SD é todo escrito com o *eu* do salmista, tendo a enunciação toda instaurada pelo salmista que está em “*eu-aqui-agora*” (Fiorin, 2006, p. 56). O *tu*, ou seja, a pessoa a quem o eu se dirige, entendemos que seja o ele próprio, já que o esta oração existe como afirmação de sua crença em seu deus, e na proteção que recebe por estar em sua companhia. Assim, *eu e tu*, os actantes da enunciação, participantes da ação enunciativa são

idênticos, mas em papéis diferenciados. Ambos constituem o sujeito da enunciação, sendo que o eu produz o enunciado e o tu é o filtro que “é levado em consideração pelo eu na construção do enunciado.

Greimas (1979, p. 27) apresenta como o sujeito, como existente em virtude de seus actos, passa sucessivamente por três modos diferentes de “existência semiótica”:

Sujeito virtual → sujeito actualizado → sujeito realizado

Estes três estados narrativos em que o primeiro é anterior ao segundo e o ultimo é o sujeito que produziu o ato que o conjunge com o objeto de valor.

b) A espacialização: E o aqui é o espaço em que o eu inicia a ordenação de seu espaço, não são as imagens do campo verde, ou das provações.

c) A temporalização: que junto ao agora marcam espacialidade e temporalidade do salmo no momento da construção da enunciação.

Ainda estudando a sintaxe do discurso, Fiorin (2006, p. 57) sugere a análise de dois aspectos, que confundem-se pois “as diferentes projeções da enunciação no enunciado visam, em última instância, a levar o enunciatário a aceitar o que está sendo comunicado” pelas projeções da instância da enunciação no enunciado “Se a enunciação se define a partir de um *eu-aqui-agora*, ela instaura o discurso-enunciado, projetando para fora de si os atores do discurso, bem como suas coordenadas espaço-temporais.”

Para tanto, faz uso de dois mecanismos básicos: a *debreagem* e a *embreagem* (Greimas e Courtes, 1989).

A *debreagem* é o mecanismo em que se projeta no enunciado quer as pessoas (eu/tu), o tempo (agora), chamada de *debreagem enunciativa* e o espaço (aqui) da enunciação, quer a pessoa (ele), o tempo (então) e o espaço (alhures) do enunciado, chamada de *debreagem enuncia*.

Encontramos no SD a *debreagem* de *eu-aqui-agora*, ou seja, *enunciativa*, instalando no enunciado os actantes enunciativos (*eu e tu* do salmista sujeito e objeto) já mencionados e os tempos enunciativos (presente: “é... faz... leva... refrigera... guia... estás... consolam... preparas... unges... transborda” e futuro do presente: faltará... temerei... seguirão... habitarei).

Nos exemplos citados de tempos verbais utilizados pelo salmista, percebemos a mudança de *ele* para *vós*, quando inicia o texto fala de seu deus como ele que é, faz, leva, refrigera e guia, e em seguida muda para uma conversa diretamente com ele, momento em que sente sua presença pessoal, concretude de conjunção com a proteção em que *vós* estás, preparas, unges.

Analisando os verbos no futuro do presente, encontramos uma bela construção de sentido realizada pelo salmista que antes em disjunção com seu deus quando pressupõe a anterior falta de tudo e, ao acreditar e afirmar sua fé passa para um estado de plenitude e não-falta. Quando o encontra e percebe sua necessidade, usa a primeira pessoa “temerei”, pois em estado de presença do deus mas não fazendo parte dele, usa a terceira pessoa do plural, “seguirão” para plurificar deus, como sendo bondade e misericórdia, e em conjunção com a proteção, volta à primeira pessoa em “habitarei”.

Percebemos a *debreagem temporal* em que o futuro é consequência do presente para o fiel, suas ações no presente refletirão sua vida eterna junto ao senhor, receber o deus como seu senhor e salvador o leva ao futuro promissor, mesmo que no presente ocorram momentos de medo, locais sombrios e existência de adversários.

4. CONCLUSÃO:

Uma análise narrativa e discursiva do texto escolhido para apresentar o tema da “Proteção quando em conjunção com o divino”, via teoria semiótica, seria tão ampla que preferimos neste estudo indicar os pontos básicos de análise semiótica, os elementos que ocorreram para produzir o sentido esperado, claro que possível de várias interpretações até por tratar-se de um texto religioso utilizado como base teológica para diversas religiões e denominações religiosas.

Mas como a semiótica não permite a parcialidade das escolhas doutrinárias, e nos traz a

possibilidade de uma análise imparcial, baseada na construção linguística do sentido, percebemos que o salmista marca por todo seu texto não estar exitante quanto sua fé e a promessa de proteção e conseqüente salvação de sua alma (exemplos: “nada me faltará”, uso do subjuntivo “ainda que eu andasse” propondo a outra característica deste texto que é de deixar implícito a possibilidade de não proteção, mas a certeza da benção divina em “certamente”, na figura de “verdes pastos”, “mansamente”, “águas tranquilas”, da “justiça”, e o detalhe apresentado pelo uso do tratamento do seu deus no início do texto “ele” e após sagrar sua necessidade de estar em proteção e estar em conjunção tão íntima com seu deus que o passa a chamar de “tu”).

Assim, nos detemos ao estudo dos três níveis de análise, o fundamental, o narrativo e o discursivo, sugeridos por Greimas e Rastier (Courtés, 1979, p. 134), que tecem as redes de “elementos simples que seguem um percurso complexo, encontrando no seu caminho tanto constrangimentos a que deve submeter-se como escolhas que é livre de operar”.

A religião, em oposição ao ateísmo, normalmente apresenta a busca de uma vida pautada em princípios doutrinários que estabelecem a paz e comunhão entre os seres humanos, como forma de alcançar a vida eterna. Algumas religiões salientam a necessidade de dor, provações e muita disposição para o sacrifício, outras, por entender o homem como imperfeito, apenas imagem e semelhança do deus que crêem, não o próprio deus, o fato de estarem em comunhão acreditando na existência divina e pautando sua vida na busca da comunhão já garante a vida eterna, e a *Bíblia* (Almeida, 1995) aponta em diversas passagens que tribulações podem e vão ocorrer, assim como tentações, manipulações, provas da competência, mas cabe ao fiel manter-se forte e corajoso, esperançoso que o deus em crença será a fortaleza e apoio no presente, a “Proteção” possível e vivificadora que propomos apontar neste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João Ferreira de. (trad.). **A Bíblia Sagrada**. Edição Almeida Corrigida e Fiel. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1995.
- SOARES, Matos. (trad.). **A Bíblia Sagrada**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.
- COURTÉS, Joseph. **Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva**. Coimbra-Portugal: Livraria Almedina, 1979.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **As aquisições e os projectos** – Prefácio de A. J. Greimas. In: COURTÉS, J. **Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva**. Coimbra-Portugal: Livraria Almedina, 1979.
- GREIMAS, Algirdas Julien & COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias de Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989.
- MALANGA, Eliana Branco. **Por uma semiologia bíblica**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG - Volume 1, n. 2 – março, 2008, disponível em: <http://www.ufmg.br/nej/maaravi/artigoelianamalanga-torah.html> - consultado em 02 de agosto de 2010.

iAutora

Flavia PAIVA, Msc.
Flavia Melville Paiva (UFMS)
Mestrado em Estudos de Linguagens
flavia.paiva@ufms.br